



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

8 DE AGOSTO DE 1959
ANO XVI — N.º 402 — Preço 1\$00

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS

Facetas de uma vida

A amizade diligente do Senhor Cônego Eurico Nogueira vai descobrindo nos velhos arquivos lembranças antigas de Pai Américo. que seus contemporâneos registaram nas páginas de «Lume Novo».

O artigo de hoje refere-se à sua ordenação e Missa Nova, de que ainda há dias comemoramos o 30.º aniversário.

«Creio que ficará bem n.º «O Gaiato», — acrescenta Senhor Cônego Eurico — onde os leitores procuram avidamente a presença viva do Fundador. E estes artigos ajudá-los-ão nessa agradável descoberta, além de constituírem testemunho valioso de como os companheiros encaravam e apreciavam o Padre Américo, há três dezenas de anos, isto é, antes de ele ter realizado o seu sacerdócio de modo estupendo que Portugal inteiro conhece».

Demos pois, a palavra ao Rev.º Padre José Lourenço de Matos, actual pároco de Midões, que subscreve este artigo:

«Lu penga alira»

A

INDA lá não vão muitos anos.

Era numa das mais importantes cidades da nossa Colónia de Moçambique e numa casa que nada ficava a dever às boas casas dos europeus mais civilizados.

Do nosso Minho, tão lindo, tão pitoresco, saíra um rapagão forte, dos seus deztoito anos bem aproveitados, em busca da ventura em terras de pretos e, tendo alcançado uma colocação vantajosa nos escritórios duma das melhores Companhias de Navegação inglesas, instalara-se ali como um príncipe.

Um moleque — um dedicado preto que só envergava a tanga na ausência do patrão — era toda a sua côrte, todo o seu pessoal: de quarto, de rouparia e até mesmo de cozinha. De cozinha, isso sabia ele como talvez nenhum de nós saiba: era profundíssimo, era um óptimo cozinheiro!

A vida corria-lhes às mil maravilhas, fácil e despreocupada, e tanto melhor quanto é certo que dois dos colegas, lá nos escritórios da Companhia, não descansaram enquanto não foram admitidos a participar dela.

Um dia — estava uma manhã fria — o nosso homem não parecia estar muito resolvido a deixar a despedida. O café — um café espalhado — lá estava já fumegante à espera... A sineta da Companhia chamava ao serviço... O preto, sempre dedicado, temendo talvez qualquer prejuízo para o patrão naquela demora, corre à porta do quarto:

«Ó patarau, lu penga alira, lu penga alira!»

E o patarau teve um sorriso para o preto e lá se resolveu...

Anos passaram, até que a brisa suave da divina graça o veio arrastando para a Europa e no-lo trouxe para aqui, para o meio de nós.

Fez, agora há pouco, quatro anos apenas. Lá em cima, na Terceira Prefeitura, anunciara-se a vinda de um seminarista, já de certa idade, e em cada um nasceu logo a curiosidade de ver, de saber quem era. Em breve se satisfez essa curiosidade e em poucos dias tínhamos entrado já em franca convivência com ele.

Contava coisas da África selvagem, coisas da África civilizada: pretos, moleques, jacarés e albinos; ingleses, alemães, índios, chineses, japoneses, mas principalmente ingleses; depois vaporsitos fluviais e transatlânticos colossais, viagens por terra e por mar, sempre férteis em peripécias interessantes. Enfim, contava coisas do tempo-da-velha e, quando a campainha da porta do recreio, nenhum dos que o ouviram saberia dar conta de como o tempo se tinha passado. Era com pena que íamos para o quarto e, por algum tempo, lá estávamos compondo na imaginação, a nosso modo, todos aqueles episódios...

Tocava de novo para o recreio e logo, como formigas em volta dum torrão de açúcar, o rodeavam os mais curiosos, ávidos sempre de imagens novas. Ele então lia-lhes nos olhos o que não

continua na página três

Sentir com a Igreja

1957 — 4 de Agosto.

Os dias que nos importam muito, seja por dor ou alegria, são sempre dias vivos na memória dos homens. Aquele dia foi assim.

Pai Américo sempre se considerou, a si e à sua Obra, como da Igreja, como só da Igreja. Era a sua glória! E a Igreja, Mãe, seguia-o em silêncio de benção, mas nunca arriscara palavras que a comprometessem nos destinos da Obra.

Aquele dia, sim. Ela quis confirmar a predição de Pai Américo: «Quando eu morrer é que a Obra começa». E disse, expressamente, a Sua benção e também a Sua expectativa, diante do Povo cristão que enchia a Sé Catedral do Porto naquela manhã de ordenações.

Daqui beijamos as mãos do nosso Bispo, pelo seu acto público de fé nesta Obra de Deus que é, humanamente, a Obra de Pai Américo. Ele há-de ter ficado radiante lá no Céu. E há-de interceder junto de Deus — assim o cremos e lhe pedimos — pelas intenções do nosso Bispo, que provou naquela hora, definitivamente, a sua velha amizade, a sua grande confiança.

E nós, nesta data de acção de graças,



juntamo-nos a Pai Américo. Ele permaneça pastorico com a prece que reando, firme na Tua Liturgia põe em nossa fortaleza e na sublimidade do Teu nome. Senhor, que

TRIBUNA DE COIMBRA



nosso primeiro gesto no fecho deste ano escolar, foi dar graças a Deus.

Graças a Deus por tudo. E neste pensamento de alegria fomos até ao Colégio «Pedro Nunes», onde os nossos têm um carinho maternal e todo familiar. Ali os Professores sentiam do mesmo modo. Deus é o autor de todo o bem. Só por Ele, com Ele e n'Ele o homem é capaz de alguma coisa de geito.

Enquanto sentíamos a alegria por esta presença divina, uma grande tristeza se apoderou fortemente de nós: homens de responsabilidade regeitavam o nome de Deus, embora com afirmações de O crer.

Na religião Católica Deus é gerador da vida: vida consciente, vida adulta. O homem só se pode afirmar crente quando participa desta mesma vida. Não é pelo Baptismo (que geralmente é a criação de um acto inconsciente), nem pela União da morte (e é só nesta altura que muitos querem o sacerdote), que uma pessoa se diz fiel. Muitos passam a vida sem tomar consciência da sua relação com Deus e contudo podem levar muitas benções no enterro e podem até ter assistido a muitos actos religiosos em vida. Mas não foi uma vida cristã. É muito mais fácil e conveniente viver-se sem Deus. Sobretudo para quem está bem instalado e tem ordenado de dezenas de contos. A presença de Deus seria um tormento.

continua na página três

SETÚBAL

OS pobres dão-nos muitas desilusões! Muitas! Não desânimos. Isso não. Desilusões!
As vezes iludimo-nos e não contamos com o enorme peso que exerce sobre cada uma das fibras do seu ser a miséria que tem vivido.
— Os meus rapazes só dormiram na cama, em nossa casa; dantes era em montes de lixo.

O ambiente terrivelmente deformador que os envolve, desde o primeiro momento, afasta-os da sua e da nossa humanidade.

O pobre, sobretudo o miserável, é geralmente falho de humano.

As privações que sofre em todos os aspectos leva-o à procura de compensações. O alcool e o sensualismo são avidamente procurados, de toda a maneira, e às claras, como quem está no uso dos seus direitos.

O problema da sua regeneração é complicado e trabalhoso. Ninguém venha por esta tarefa na mira de recompensas humanas. Não venha, que se engana. Só a presença e a visão de Deus podem ser estímulo suficiente para não desanimarmos.

Em certo gabinete, contava eu, há dias, quanto me tem feito sofrer a família da toca. De quanto carinho, compreensão e amparo tem sido rodeada e de como não tem correspondido. A certa altura notei que aquele senhor sentado à sua secretária, me olhava com ar de quem conhece todos os problemas e tem solução para todos os casos. Não continuei. Não, que ele não deixou, nem me apeteceu. Teve logo muito que dizer e eu que saber, que, se não é o hábito que faz o monge, também o cargo não faz a pessoa.

Calei-me e ouvi. Ouvi soluções que traduzem claramente o egoísmo de certa camada social.

«Isto só se resolvia bem com uma purificação; com um fogo. Uma fogueira onde se dizimasse esse montão de barracas e essa mole de gente suja, malcriada, alcoólica, estragada, gulosa... E contava as bichas que via todos os dias à porta dos cinemas e das tabernas. Eu pasmei. Enchi-me de amargor e meditei a doutrina de Jesus.

— Certo dia vinha um feirante de Jerusalém para Jericó. No caminho foi assaltado por uns ladrões e ficou semi-morto. Passaram alguns homens, olharam e arredaram-se mas ninguém o foi pisar, ninguém foi acabar de o matar. Passou um que era samaritano encheu-se de compaixão, sacrificou a sua viagem e o seu dinheiro e salvou o homem. E o Senhor continuou: — Tu faze do mesmo modo.

Vi, outro dia, aquele doutrinador a assistir a uma cerimónia religiosa. Apeteceu-me pôr na rua quem pela sua incoerência ou falsidade se atreve a profanar o conceito que todo o mundo deve fazer dos cristãos.

Convencidos como estamos de que o rótulo de católico tem a sua influência na consecussão e posse de muitos cargos, obrigamos os homens a este procedimento indigno.

Ora este pensar não é dum cristão, muito menos dum católico. Se pensas ou ages desta maneira não ouses entrar numa igreja antes de purificares a tua cabeça.

Pai Américo, magoado em certo tempo com doutrina semelhante, fez-nos este apelo: «Eu tenho pedido aos meus padres que sejam pelos pobres». Nem que Pai Américo o não pedisse nós éramos por eles. Mas porque o pediu ainda mais somos.

A cruz dos pobres é pesada para quem se deu à tarefa de a levar ao Calvário. Há quedas muito dolorosas, as consolações rareiam e o proveito é aparentemente quase nulo. O pobre, sobretudo o renegado há muito, tem a alma despedaçada, apodrecida e fétida.

Só cheios da Doutrina do Senhor e com os mesmos olhos de Jesus podemos ver a solução deste problema humano.

Se alguém pensar em queimar, ou mesmo desprezar, como já tenho observado, os pobres, saiba que eu quero ser desprezado e queimado com eles. Sou pobre como eles: Se não tenho as suas faltas foi porque nasci e vivi noutra ambiente. Foi porque os homens e Deus me têm amparado, não por merecimentos próprios.

Padre Acílio

Trabalho

Não vimos a estas colunas traçar qualquer tema técnico de artes gráficas, das suas maravilhas. Falar de jornais ou qualquer coisa mais relacionada com isto, pois nos falta a capacidade em toda a linha.

Diremos, como soubermos e pudermos, algo sobre a nossa Tipografia que é a menina dos nossos olhos, mas que tantas dores de cabeça tem causado ao Senhor Padre Carlos.

Quantos esforços não tem feito para acompanhar as demais e amanhã os nossos não saírem de olhos fechados, não sabendo sequer o abêcê. Sim, porque a tipografia foi feita para fazer homens e não homens para formar um grande centro industrial. Como ela, todas as outras oficinas, evidentemente.

Falar sobre artes gráficas, já de si é deveras ingrato. Quanto a nós muito pior, pois nos afloaram à mente muitos e complexos problemas que não somos capazes de destringir. Já porque nos falta engenho e a estruturação e demais predicados indispensáveis. Mas, maneta ou coxo, tentaremos dar a mão ou qualquer passito se puder ser.

Os tipógrafos são dos elementos mais representativos da classe operária. São os que mais enraizadas têm as riquezas do espírito. Falo do bom, pois decerto! Não dos que se deixam arrastar pelo comodismo, má vontade, a terrível inércia, falhos de raciocínio ou discernimento, não querendo ralar-se. O grande mal da classe é que alguns têm grandes padrinhos e são obrigados a ser maus profissionais. Como «O Gaiato» defende os nobres ideais aqui estamos a defender este que é sem dúvida frisante.

à persistência, esforço, à ponderação, ao sacrifício. Se em todas as artes este é preciso, em tipografia muito mais.

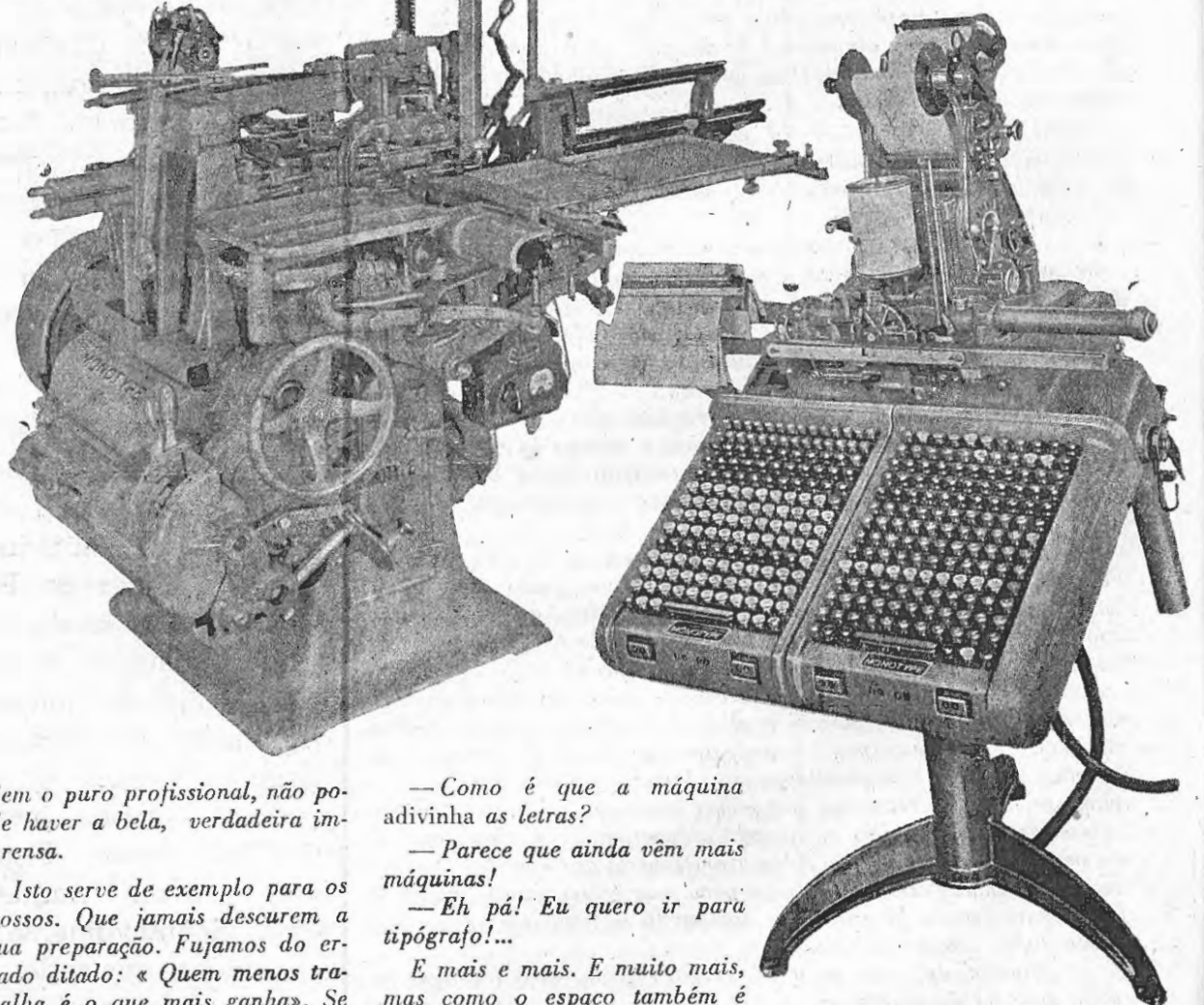
Deixemos os basbaques, nocivos esterilismos, apetrechando-nos para bem servir. Que servir seja a lucerna que nos acompanhe sempre, já que para tal fomos criados. Para servir é que a Obra da Rua adquiriu a Johannisberg, Intertyp, Mercedes e a esplêndida Monotype que opera maravilhas ao serviço desta arte de Gutemberg e que damos hoje, à estampa, com muita alegria. Nesta altura é para aqui que convergem nossas atenções e da enorme legião de curiosos que não cessa.

No teclado há lugar para cada um dos 255 caracteres e espaços, em sete alfabetos diferentes! O rolo depois de perfurado vai para a fundidora que automaticamente funde e compõe a uma velocidade apreciável. O tipo móvel, de bom corte, dá uma impressão magnífica. A boa espaçamento dá um aspecto gráfico de surpreendente efeito.

A alegria e boa disposição de todos. Até das outras oficinas aqui vêm dar. Depois, todo o mundo dá opinião e os técnicos são às dúzias:

- Como é isto?
- Que coisa espantosa!
- Não vê? O rolo é furado!

Aqui apresentamos aos nossos cem mil leitores o conjunto da Monotype — a magnífica máquina que funde e compõe simultaneamente, que vem abrir novos horizontes às nossas oficinas gráficas. É, nesta altura, para onde voltam as atenções dos gráficos e todos os habitantes desta pequenina cidade de rapazes. Parabéns aos gráficos. Aos nossos clientes que vão ser melhor servidos. Os melhores agradecimentos à Monotype Portuguesa pela elevação com que sempre nos têm tratado



Sem o puro profissional, não pode haver a bela, verdadeira imprensa.

Isto serve de exemplo para os nossos. Que jamais descurem a sua preparação. Fugamos do errado ditado: « Quem menos trabalha é o que mais ganha ». Se mais não fôr, pelo menos numa coisa devemos estar certos. De bem com a consciência, pois tarde ou mais cedo, dará a vitória

— Como é que a máquina adivinha as letras?

— Parece que ainda vêm mais máquinas!

— Eh pá! Eu quero ir para tipógrafo!...

E mais e mais. E muito mais, mas como o espaço também é comprimido, não podemos ir mais além.

Foi um grande passo, a aquisição da Monotype. Um

Boas notícias

No próximo dia 13 de Agosto é dia grande na nossa Aldeia. É o casamento de um dos Nossos.

O Cândido e a Ana vão dar um passo em frente, unindo os seus destinos, cumprindo o Mandamento e, simultaneamente, tornando mais fortes as Amarras dum Obra que o amamentou, viu crescer e o encarreirar na Vida!

Que todos os queridos leitores estejam também presentes para que os vínculos familiares mais se manifestem e nos tornem mais fortes.

Dia de festa! Dia de alegria. Dia em que a Obra da Rua vai ficar mais rica!

Feio

grande passo para a nossa tipografia que desta forma mais e melhor servirá os seus inúmeros e dedicados clientes que amam a Obra ainda mais do que nós, em alguns casos!

Toda esta grande festa. Todo o grande contentamento que nos vai na alma. Tudo isto por amor dos que antes eram nada. Dar oportunidade de fazer homens para que sejam mais, muitos mais a amar! Servir a Pátria, a Nação, realizando conforme as tábuas da Lei!

Agora temos a palavra nós

★

todos, caros colegas. O brio profissional. O apego. O amor. Contraímos obrigações para com nós próprios. Contraímos muitas

Facetas duma vida

continuação da página um

ousavam pedir de viva voz e começava a desfiar de novo, a contar, a contar coisas...

Entre as muitas curiosidades deixou cair a do «Lu penga ali-rá». Foi quase um delírio! E, enquanto para o Rev. Professor de Filosofia não passava do Senhor Cabral, para nós ficou sendo, desde aquele momento, o nosso Patarau. Não sei por que cargas de água, por evolução da língua talvez, veio depois a chamar-se-lhe Patrau e finalmente Parrau—forma que adquiriu foros de definitiva.

Hoje sobe ele ao altar, a imolar todos os dias a Vítima Sacrossanta. Hoje colabora na preparação de futuros sacerdotes. Para nós, os condiscípulos—condiscípulos sim, e porque não?—que tivemos a ventura de nos sentarmos com ele nos bancos das mesmas aulas durante quatro anos, e não queremos abdicar dessa honra, para nós os condiscípulos, é ainda e será sempre por toda a vida o querido Parrau. Recordar-nos-á sempre a sua companhia e, ao agradecimento reconhecido de que lhe ficamos devedores, virá juntar-se a saudade do tempo que não volta mais...

Outubro de 1929

LOURENÇO DE MATOS
(do 4.º ano teológico)

(«LUME NOVO» N.º 11 — Novembro de 1929)



O nosso Bom Deus não é um deus de interesse de momento. É Pai. Pai igualmente de todos os filhos.

Ele é o Senhor. Toda a honra e toda a glória Lhe é devida. As homenagens que hoje se prestam aos homens por tudo e por nada são um sintoma da negação de Deus. Há uma inversão de valores.

Ainda em vida de Pai Américo pedimos um favor para os nossos rapazes a um dos homens que agora têm medo do nome de Deus, favor que não era pessoal. Como resposta veio uma proposta de negócio. Negócios nem com Roma, dizia Pai Américo.

Sem Deus a vida facilmente é um negócio. Com Ele os homens melhor se dominam.

Ontem eu esperava um nosso amigo que de muitos modos se tem dado aos pobres. Na sua pressa, ainda teve tempo para me dar um abraço e para responder ao meu pedido: eu dou tudo; o que quero é ir para o Céu e Deus só me lá aceita se eu fizer bem. Éramos vários a ouvir e conhecemos a sinceridade daquele homem. Gostei do gesto público e sem respeitos humanos.

Há tempos alguém constituído em autoridade segredou-

responsabilidades, há que ter em conta.

Trabalhar com noção exacta do que se está a realizar. As atitudes corriqueiras, o exibicionismo, sem ter onde assentar certas peneiras, faz-nos submergir ao pedantismo crasso. É perpetrar. Convencer-nos que somos uma coisa quando, na realidade, andamos a grande distância.

Por obedecerem a estas normas, por mentalizarem e seguirem certo caminho, é que muitos colegas estão vivendo o reverso da medalha. Nestas horas de alegria é que devemos lembrar os dias tempestivos que a cada instante nos espreitam.

Feio

me que todo o seu trabalho (e sabemos que é intenso) tem como fim somente servir a Deus. Dei-lhe um abraço e saí muito contente do seu gabinete. Acredito na recta intenção de muitos Portugueses.

Mas, voltando ao fim do nosso ano escolar, nós ajoelhamos e bendizemos o Senhor. Na nossa Escola tudo correu bem. O Chico passou com boa nota para o 7.º ano de ciências. O Lita dispensou na prova escrita do 5.º ano às duas secções. O Sardinha teve menos sorte e dispensou a Ciências e passou bem na oral de Letras. Espero que os três no próximo ano frequentem a Escola do Magistério Primário. Foi sempre o sonho de Pai Américo: ter à frente das nossas escolas professores saídos da nossa gente. Eles esperam também fazer o 7.º ano.

O Engruço que é empregado da Gráfica de Coimbra, dispensou no 2.º ano e vai matricular-se no Curso de Enfermagem Geral. Deus o ajude. O Crisanto, actualmente no Curso de Sargentos na E. P. C. de Santarém dispensou também no 2.º e prepara-se para fazer o 5.º em Outubro, mas parece que não pode. Ele é objecto e testemunha de muita dedicação dos nossos amigos de Santarém.

A começar nos seus superiores oficiais até a muitas pessoas cá de fora ele tem encontrado um carinho fraternal. Que Deus os recompense.

Do Afonso, ao serviço do nosso Exército na Índia, ainda nada sabemos do resultado dos seus exames. Sabemos que os mestres eram os seus oficiais. O nosso voto de louvor.

O Alfredo, agora 1.º cabo em serviço no Quartel Geral, sacrificou-se e passou muito bem para o 5.º ano do Curso Comercial Nocturno e

TRÊS CARTAS

Este ano não temos a ordenação de nenhum padre para a Obra. Mas por esses Seminários lavram fogueiras, graças a Deus. E quantas que desconhecemos...

Padres que descobriram a sua vocação específica de «padres da rua». E lá, onde consomem a sua vida sacerdotal; e sob o modo que Deus lhes escolheu e determina pela obediência aos seus Prelados, — vivem em uníssono conosco, pulsações certas pelas da Obra da Rua.

O que nós lhes devemos, a eles que dizem dever-nos um rasgar O que eles nos merecem! O que de horizontes de vida sacerdotal! eles nos confortam! Só Deus sabe! E também não importa que o saiba mais ninguém. Pois não é Ele, o único Senhor da Vinha? Não é d'Ele, apenas, que esperamos o salário, depois do «pondus diei»?!

De resto, o auxílio mútuo entre os operários dos canteiros em que o Senhor repartiu a Sua Vinha, sempre será mistério. Nós não sabemos o como, do mistério, mas sabemos que é. Felizes os que acreditam na Comunhão dos Santos!

★

«Sou sacerdote para sempre... Horas grandes... horas de graça e de mistério... horas de silêncio e de meditação... estas horas da minha Ordenação...

Em mim — «humanidade de acréscimo» — comprazeu-se o Senhor em realizar as Suas maravilhas. Cristo precisa de mim!! Caminho da Providência...! Senhor Padre Carlos! Nestes momentos de alegria inexprimível eu quero dizer o meu muito obrigado — imposição de consciência — àqueles que, sem o saberem, cimentaram a minha vocação.

Se sou sacerdote (oh! beleza desta palavra!) em parte o devo aos Padres da Rua...

Obrigado ainda por permitir a vinda do Senhor Padre Acílio à minha Missa-Nova.

Esta prova de simpatia e amizade vincular-me-á, mais e mais, a essa Obra que eu tanto admiro e...

Oh! se Ele quizesse já... mas não... terei que esperar, terei que merecer ainda a dita de tal mercê...

para ajudar no seu emprego. Todos os outros nossos estudantes passaram com bons resultados. Estamos de parabéns.

Contudo, procuramos não dar somente diplomas aos nossos rapazes, mas ajudá-los a aproveitar os dons que Deus lhes deu e a pô-los a render, valorizando-se e engrandecendo a Pátria. Luz vinda do lixo da rua. Filhos de Deus saídos do que a sociedade não quis. Nós somos uma afirmação de Deus.

PADRE HORACIO

Senhor Padre! Que todo o mundo ganhe com o sacrifício da minha doação total a Deus...

Não quero ser mesquinho, não quero ser medíocre... quero ter um coração grande, capaz de tudo para Cristo.

★

«Em vésperas de Ordenação Sacerdotal eu escrevo-lhe de joelhos. Vejo uma Obra que eu creio ser um Jesus do Presépio. É Ele que se vê, que refulge. A Ele, pela Obra que imprimiu em mim decisivos e exclusivos ensinamentos de doação sacerdotal, agradeço, infinitamente contente e descontente com a pequenez da minha potência eucarística. A minha dívida para com a Obra desemboca afinal aqui: dar graças sempre e em toda a parte. Eucaristia! Dar graças!

Senhor Padre Carlos: não tenho podido ir aí, ando muito ensarilhado pelo mundo. Queria pedir-lhe um grande favor. Desejava que fosse Diácono da minha Missa Solene. Será Sub-diácono, se Deus quiser, um colega. Ver-me-ei assim ladeado por duas forças que teimaram em elevar-me muito para junto de Deus, ainda que eu teimasse em confundir-me com o pó. Obra da Rua + Seminário = Espírito Santo. Será deste modo agradável o Sacrifício oferecido ao Senhor. Seja a Obra um sacramento pelo qual Deus queira lançar sobre mim uma benção especial pelas mãos de V. Rev.ª que eu hei com fé».

★

«Eu bem tinha planeado passar esse dia aí convosco! Sabia-me tão bem!! Mas Deus dispôs outra maneira, e estou no Seminário a fazer retiro.

Não podia, porém, apesar de estar em retiro, deixar de lhe escrever para lhe dizer que celebrei hoje Missa pelas suas intenções e de toda a Obra e que passarei hoje todo o dia numa união muito íntima convosco.

Quanto a esta separação física, não será ela até para agradecer ao Senhor? Pois não se está a ver que, afinal, será esta a minha vocação específica de «padre da Rua»? E não calcula como ela me faz feliz!!!

Nesta ordem de ideias, é, portanto, muito bem que eu passe aqui longe este dia 16 (verdadeiro «die natalis» da Obra da Rua).

Procurarei, pois, unir-me muito às suas intenções e pedir por elas ao Senhor. E se Ele, na sua infinita Misericórdia, quisesse transferir para mim, de qualquer modo, parte da cruz que sobre si pesa, como seria feliz! Só lhe pediria a força necessária, mais nada.

E pronto! Desculpe este desafo, mas foi uma meditação do retiro. Reze por mim».

Cantinho dos Rapazes

As máquinas para a nossa Carpintaria do Tojal chegaram. Não havia ainda corrente. Tanta ansia havia delas que, logo ao outro dia, por uma ligação provisória conseguiu-se fazer girar a tupa. Foi a inauguração. O entusiasmo ganhou-vos a todos. Estava no quarto a trabalhar. Os foguetes vieram propositadamente estoirar perto da minha janela. Mas, de ocupado, não liguei nem estranhei. Era na altura do S. João. Só à hora da ceia soube. Tinha havido uma inauguração entusiasta. A pressa conseguistes alguma coisa para petiscar. Nunca no mundo se fez inauguração de nada sem nada, e vós rapazes copiais tudo. Sois até uma cópia dos males do mundo. Digo mais, um fruto copioso, porque estou cansado de tantos pedidos. No final houve discursos dos mais emocionantes. Deles de meia hora entusiasmada. Que pena não ter ouvido, que agora retratava! Mas até me disseram ao depois: — «Se V. estivesse estragava tudo. Só onde ninguém soubesse, para apreciar». Falaram mestres e rapazes. E até um vizinho que passou e entrou. Ora aqui é que me parece que foi. Este discurso deve ter sido o melhor. Falou-vos da experiência, este homem. Vive do trabalho no campo. Tem filhos e falou de como gostava de os ver com possibilidades duma profissão.

Ora vós meus rapazes tendes as vantagens que o homem deseja para os seus. E como este, quanto e quantos. Importa agora pôr todo o vosso empenho em aproveitar. A máquina não é mestra. A máquina é uma ajuda. A profissão é um bem que não vos fica caro. Mas custa o preço da vossa vontade; a vossa vontade que vale mais que todas as máquinas e aperfeiçoamento técnico. Tendes de pôr a vossa vontade acima de tudo e quando compreenderdes que não são as máquinas que resolverão o vosso problema mas vós, então sentir-vos-eis superiores às máquinas. Escravidão, nunca. Ai daquele que só sabe o que a máquina faz e não sabe fazer o mesmo sem a máquina! Esse desvalorizou-se, mecanizou-se. É a deformação. E elas vieram por causa da vossa formação. Importa, pois, não perder tempo. A perda de tempo amolece a vontade; a ociosidade faz homens falhados. Ponde os olhos no vosso futuro.

Eu espero que aproveiteis do exemplo daquele homem e da ajuda que as máquinas vos trouxeram.

Padre José Maria



OBRA de doentes, para e por doentes incuráveis. Não se trata por conseguinte de instituição hospitalar, nem sequer de asilo ou coisa semelhante. Obra a seu modo, onde cada qual é filho dilecto: onde todos são irmãos e se entrecorrem, para mais suavemente carregarem a cruz, tantas vezes demasiado pesada para um só.

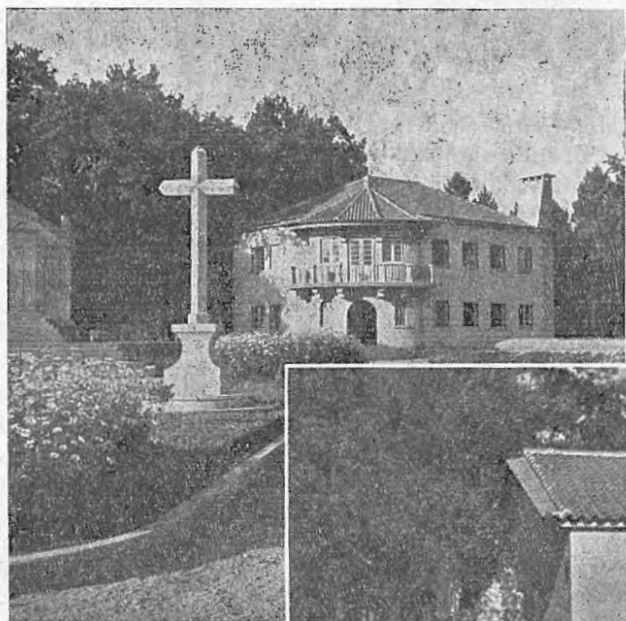
A enfermaria dos homens está movimentada. É a hora da ceia. De cama os que não se erguem. Mesas pequenas no reçoço de cada um. Derrama-se na sala o odor próprio da refeição, mais o vapor que se eleva da comida quente. Aqui, o Sr. Daniel segura a tija ao Arménio e o limpa de vez em quando com o guardanapo. Acolá, a Ti Justina, com jeito de avó acostumada, mete a sopa na boquilha contraída do Albertino. Com que carinho e amor é depositada aquela sopa na língua presa do pobre rapaz inválido, que mais parece bebé!

Isto é o Calvário

Ninguém é inútil no mundo. A doença de uns é suprema ocasião para outros exercerem o bem. Ora, aqui têm o que também é o Calvário.

* * *

Os doentes semi-válidos vivem em casas pequeninas espalhadas sob carvalhas frondosas e pinheiros esguios. Na casa «Uma Graça do Coração de Jesus» a Ti Deolinda é dona. Fiandeira de velhos tempos, aqui se instalou no resto da vida. «É senhoria» — diz ela. Esta semana, porém, recolheu ao leito. Vou vê-la. Porta entreaberta, peço licença e entro. Embora resignada, a pobre velhinha geme demoradamente o mal que a atormenta. «Eu não queria estar de cama. Ele é preciso ajudar. Mas então, tenho tantas dores». — Nisto começa a



soar baixinho um gri-gri na mesa de cabeceira. Reparo bem e dou com caixa de fósforos picotada. É a gaiola do cantor. Apontando-a, Ti Deolinda sorri encantada: — «Olhe é ele quem me alegra as horas. De dia e de noite. Como gosto de o ouvir cantar».

Pensei que só os gaiatos apreciavam os grilos. Mas não. Também os velhos e os doentes. Ele não há tempo como o dos grilos, nem idade como a da infância.

* * *

A tarde morna declina. A brisa leve que corre chama os doentes prá rua. Está, porém, prestes a hora da ceia. Com efeito, dos arredores da cozinha parte um som descontrolado de latão amachucado. Aproximo-me e dou com o Edmaro armado em sineiro do Calvário. Quem diria que este rapaz, até aos dez anos sem fala nem andar, e considerado por consequência um tropeço, havia de prestar para alguma coisa?! Sineiro! Há gente mais válida por cá. Mas contudo é ele o sineiro. É um reabilitado. E arranjou colocação, adequada.

Ora, quantos Edmaros não poderiam ocupar posições singelas de porteiros ou contínuos se se lhes facultasse o acesso? Mas não senhor, que se trata de inválidos.

* * *

Tenho verificado frequentemente que as árvores e sebes do Calvário aparecem regadas logo pela manhã cedo. Os estranhos não se metiam à tarefa. É pessoa da Casa. Mais. É obra da casa «Graças a Deus» pela certa. Chamo o Ti Lobato e inquirio. Ele confirma. E entusiasmado conta que se levanta às cinco, e todo fresco, vai pró sari-lho tirar água, e Sr. Daniel, balde na mão, prá s árvores e plantas de enfeite.

— Olhe lá, Ti Lobato, v. quer voltar à barraquilha do Restelo e contemplar o Tejo?

— Sr. Padre, a Lisboa só com bilhete de ida e volta.

Podera! É feliz neste remanso. Que ganha a sociedade em acorrentar seus membros, como acontecia ao Senhor Lobato, quando

30.000 X 20\$00 = 50 CASAS

Não podemos faltar com notícias da Campanha, «que uma alma benfazeja — diz um leitor ao «desobrigar-se» — teve a feliz ideia de alvitrar». Ela continua como um fiozinho certo que nem a canícula, nem a preocupação de férias descuidadas fazem secar.

Desta vez fui eu quem fiz as contas; e, se não erre, elas somam 2.040\$00 desde a última vez. Quer dizer: Foram 102 assinantes a marcar presença este mês, o que é muito pouco, pois a média mensal deve ser da ordem dos 30.000: 12=2.500 leitores a dizer que sim.

Os atrasados façam o favor de reparar na eloquência dos números e vamos a recuperar o tempo perdido. Este mês faltaram à chamada 2.400. Foi quase greve geral.

Mas a continuidade do fiozinho é garantia de que a fonte não secou, nem seca. E para além do que os números dizem, há a expansão de alma de quantos se apresentaram.

Repetem-se sempre as expressões *dívida, desobriga, contribuição*. Outros não dizem assim e mandam em anonimato. Outros, ainda, prometem voltar mais vezes e voltam, «cheios de alegria para a felicidade dos Pobres». E

há quem se compromete à renda mensal: «Envio 100\$ para a Campanha dos 30.000, a contar desde Janeiro de 1959. E quando puder mandarei o resto, pois já tomo como dívida este dever de auxiliar para a habitação dos Pobres».

Outra constante: As famílias completas: «Minha Mulher, minha Filha e eu pretendemos tomar parte na Campanha dos 30.000X20\$». E um jovem arquitecto, a esposa e os 5 filhos... E mais e mais.

África também aparece. Desta feita, Nampula e Luanda.

E, para estímulo dos esquecidos, deixo aqui retalhinhos do que vai na alma dos que se lembraram:

★

«Eu sou daqueles que queria deixar de fumar e dar o dinheiro que o fumo custaria para a Casa do Gaiato.

Infelizmente não consegui deixar o vício, mas graças a Deus, parece que fiquei com a obrigação de dar o dinheiro, o que tenho feito.

Rezo todos os dias ao Padre Américo, mesmo sem obter a graça que lhe venho pedindo (que seria a minha cura), pelo que insisto no pedido de que nas suas orações me recomende».

Oxalá os meus fumadores incipientes ponham aqui os seus olhos e arripiem caminho enquanto é tempo.

hóspede dum buraco na capital? Nada. Suja-se. Sofre as consequências do vício de que a ociosidade é mãe fecunda. Perde o contributo que todos podem prestar quando fraternalmente convidados ao seio da família. Ti Lobato, arribado à bengala, noutro local talvez se encostasse às paredes aguardando a esmola do transeunte; aqui, anda

com dois gaiatos às voltas com os novos arruamentos do Calvário. Enche as padiolas e eles levam-nas. Lentamente, sim, que ele é trôpego. Mas devagar se vai ao longe.

* * *

Pálida, olhos fundos cavados nas órbitas. No rosto ressequido, restos vincados de fidalguia. Esta não se pinta; nasce com a pessoa. Corpo franzino a sumir-se no leito alvo. Sorriso melancólico aparece sempre que dela nos abeiramos. Doente caecerosa, mas resignada e cristãmente sofredora. Sofre em todos os sentidos. Mas sobremaneira o abandono dos seus. O saber sofrer nas dores do Mestre é a sua paz. Por isso sorri.

Hoje está mais cansada. É o fim. Com lentidão murmura toda a sua mágoa que lhe ferve dentro. Sem rancor de espécie alguma, desabafa. Fala com um padre. Quer perdoar as ofensas. Quer que saibam que as perdoa.

Viúva há oito anos. Solitária no mundo desde então. Moirejou enquanto podia pisar as calçadas do Porto. Vem o mal. O hospital. O ter que retirar-se por via da impossibilidade de cura. A rua. E nela, bate à porta do irmão, homem de posição e bens, que não de coração e sentimentos. A porta abre-se colocando a frente irmãos do mesmo sangue, mas logo se cerra estrondosamente, deixando de fora e sem recursos a pobre doente. O irmão correu-a. Esta a ferida: a rejeição. Ora, porque nem família, nem mais alguém a aceitou, aqui a tivemos. Para isto é e seja o Calvário.

P. S. — Oferece-se ocasião singular para senhora generosa perder noites e dias e vida e tudo, junto à cabeceira dos nossos doentes. Quem responde?

Padre Baptista

Alguém que manda 100\$, deixa esta prece: «Que Deus nos dê muita generosidade para nos soltarmos das amarras do egoísmo».

«Uma assinante que muito ama a Obra da Rua» manda duas vezes 20, que dois rapazes lhe confiaram.

Quem é que não ama a «Obra da Rua»? Só quem a detesta. Graças a Deus somos da aliança do sim e do não, sem termo médio, morno.

Outra prece: «Peça por mim a N-Senhor, por mim que sou viúva, para que cumpra fielmente os Seus Mandamentos e tenha bom coração para amar o próximo como a mim mesma».

À beira dos santuários é costume haver tocheiros para velas. Aqui ardem os corações.

Alguém suplicou-se a superação do egoísmo. Aqui dá-se testemunho do facto consumado: «Não tenho casa há já muitos anos; vivo em casa dos outros e sei bem o que isso me custa. Por isso gostaria de ter muito dinheiro para ser realmente uma ajuda nesta ideia para se construir tantas casas como são os que delas necessitam».

«Por isso que sei o que me custa, gostaria de ajudar...».

Mas quem lhe disse que não é realmente uma ajuda, e preciosa?! Ó heroísmo humilde, que se desconhece!

É só mais esta:

«Cheguei à minha Repartição onde trabalho depois de passar uns dias de férias e precisamente hoje recebi o mestre de todos os jornais, «O Gaiato». Li e reli: 16 de Julho de há três anos. Fez-me recordar essa magestosa «Proclamação» que foi do Porto a Paço de Sousa conduzindo o corpo, então morto para esta vida, daquele Homem e Padre (que felizmente também conheci) e cuja sua fotografia neste número do Gaiato expressa vincadamente o seu pensamento e a sua tristeza por tantos sem família... sem pão... e sem lar! Quantas vezes a sua voz e os seus escritos me comoveram e agora me comove a sua fotografia e essa jornada bela do Porto a Paço de Sousa que tive a felicidade de acompanhar!

Que do Céu Ele acompanhe os meus passos só para o bem, e agora os de minha esposa, e que a sua Obra e o seu jornal continue a frutificar em nós. Aqui em tempos enviei 50\$ e hoje a sua fotografia arrancou-me mais 50\$ que envio para as 50 casas em Campanha. Que Deus nos ajude».

Que a soma acima dita nem aos 2.000\$ chegasse!... Só por estes desabafos de coração a coração, valerá a pena a Campanha que «uma alma benfazeja teve a feliz ideia de alvitrar».

Visado pela

Comissão de Censura